

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

11-1-1989

1989 Vol. 45: As Fundações - Um Desafio Á Congregação

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1989). 1989 Vol. 45: As Fundações - Um Desafio Á Congregação. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/48>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

AS FUNDAÇÕES - UM DESAFIO À CONGREGAÇÃO

1. Introdução

Em 1977, 69 dos 237 membros em formação (29%) eram do hemisfério sul. No ano passado, 374 dos 532 (70%) viviam no Sul, bem como 90% dos 101 postulantes. Neste ritmo de crescimento, podemos supor que os membros das Fundações e jovens Províncias serão aproximadamente 50% dos membros ativos por ocasião do Capítulo Geral no ano 2004, dentro de 15 anos.

"Vindos de culturas, de continentes, países e horizontes deversos, somos reunidos pelo Espírito de Pentecostes numa grande comunidade - a Congregação. A diversidade de culturas é aqui acolhida como riqueza e a nossa unidade testemunha a reconciliação em Cristo" (Regra de Vida Espiritana, 37).

O aumento de confrades nas Fundações mudou a visão da missão e num certo sentido a complementou. Os evangelizados tornam-se por sua vez evangelizadores, ao lado de confrades das antigas Províncias da Europa e da América. A Congregação no seu conjunto é chamada a "alargar o espaço de suas tendas, a ostentar, sem receio, as cortinas de suas moradas" (Is. 54,2).

O Conselho Geral Alargado (Arusha, Tanzânia, 8-20 de Maio 1989) estudou os diferentes aspectos da nossa solidariedade comum na missão, e procurou afirmar mais nitidamente os valores, os objectivos, e as aspirações dos diferentes grupos na Congregação, fazendo-os frutificar para o enriquecimento de todos. O Conselho Geral Alargado de 1978 levantou o tema das Fundações, e em 1980, pela primeira vez, os textos capitulares lhes dedicaram uma secção. O C.G.A. de Arusha foi todavia o primeiro a estudar em pormenor as múltiplas questões surgidas das Fundações. Nele, os delegados, representando toda a Congregação, estudaram em unísono com o Conselho Geral as implicações concretas das Fundações, na vida da Congregação, o seu desenvolvimento, os problemas humanos e as orientações a dar no futuro.

2. Busca de identidade

2.1 Vocações religiosas e missionárias nas Igrejas locais

As Fundações, como as antigas Províncias, recebem a sua identidade da Igreja local e do carisma do Instituto. Assim como a Igreja Universal está incarnada em cada Igreja particular e local, assim também cada Província ou Fundação é uma expressão particular da

vocação espiritana com raízes na Igreja local. Os membros das Fundações e jovens Províncias devem sentir-se à vontade e crescer na família espiritana em harmonia com sua origem e cultura própria (Capítulo 1980, VE 108). A Congregação e a Igreja local enriquecem-se mutuamente: a Congregação oferece à Igreja local o seu carisma missionário e religioso; o seu enraizamento na Igreja local dá-lhe novas expressões de vida religiosa e apostólica e, ao mesmo tempo, o rejuvenescimento de seus membros (VE 123).

A abertura de um seminário menor em Ihiala, Nigéria, em 1953, marcou o início das Fundações (o termo Fundação apareceria mais tarde). A Trindade tornou-se Vice-Província em 1961, com o seu escolasticado próprio, depois que 28 membros se ordenaram no exterior, e foi a primeira Província do hemisfério sul, no ano 1968. Nos anos 60, o estabelecimento de uma estrutura de formação em Ontário levou à criação da Província do Transcanadá. No início da década de 70, surgiram as Fundações de Angola, África Oriental e Brasil; no final da década, em Porto Rico, África Central, África Ocidental, África do Sul e Oceano Índico. Nos últimos anos, Zaire (1986), México, Austrália, Papuásia-Nova Guiné e Haiti iniciaram a mesma caminhada, pois contam com as necessárias estruturas de formação.

O enraizamento indispensável na Igreja local pode criar uma certa tensão entre a missão e o País de origem. Todo o espiritano está a serviço da missão: situações pastorais difíceis e urgentes, os pobres e oprimidos, especialmente a missão transcultural. Algumas Fundações enviaram bastantes de seus membros para outros países e culturas. Todavia as vocações crescem mais espontaneamente se em contacto com os membros nativos com os quais se podem identificar; a animação vocacional e formação exigem uma contribuição em pessoal local, bem como um fundo de reserva em favor dos missionários, dos projectos da missão, dos doentes, confrades idosos... Para estas tarefas as Fundações reservam alguns de seus membros ou chamam outros após um certo período em missão. Os delegados em Arusha julgaram que tal tensão poderia diminuir se fosse adoptado o princípio que, em circunstâncias normais, as primeiras nomeações deveriam ser feitas pelo menos por três anos. Seria necessário o acordo do Conselho Geral e dos dois Superiores envolvidos, para chamar ou transferir alguém, na sua primeira afectação, antes do término dos três anos.

2.2 Missão - aproximações diversas

"A prática de nossa vida religiosa apresenta formas variadas nos diferentes povos e nas diversas culturas" (RVE 55).

"Não é nossa intenção formar um "bloco", é antes uma questão de aproximação diferente, em ordem à missão" (Fundação do Oceano Índico, na Papuásia-Nova Guiné).

O dom da fé e do amor levam à gratidão. Um modo de exprimi-la é a transmissão da fé. A Igreja é missionária por natureza (AG 2). "Os céus narram a glória de Deus... um dia transmite a outro a mensagem, e a noite à noite comunica a notícia" (S. 19:1-2). Os missionários levam consigo as riquezas (e às vezes os defeitos) de sua Igreja de origem. Os missionários do hemisfério sul entre si poderão talvez ajudar mais os fieis a responsabilizarem-se pela sua Igreja. Poderão ser os intermediários para os ajudar a aceitar e a trabalhar com o seu próprio clero e outros agentes pastorais.

Escreve um confrade do Brasil: "nossa formação, quer queiramos ou não, faz os candidatos, muitos deles de origem humilde, passar por um processo de secularização e perda

de cultura, e os introduz numa vida ao abrigo de dificuldades materiais..." Na América Latina, há a busca de uma nova maneira de ser Igreja, e a vida religiosa é alimentada pela religiosidade popular e inserida nas mesmas condições de vida da maioria dos pobres. A aproximação latino-americana é uma resposta original a questões análogas que surgem em todas as Fundações.

2.3 O tesouro das nações (cf. I/D 25, Fev. 1980)

Mais do que nunca apreciamos a originalidade cristã das diferentes Igrejas locais. A América Latina, por exemplo, está enriquecendo toda a Igreja com as suas Comunidades de Base, Teologia da Libertação, Opção pelos Pobres e intuição da Religiosidade Popular. A África faz-nos partilhar o seu sentido de Deus, seu entusiasmo pela Bíblia, seu forte sentido de comunidade e celebração, o engajamento de seus leigos na missão e na pastoral. A Ásia contribui com o seu sentido do sagrado, sua intimidade com o silêncio e contemplação, seus métodos comprovados de ascetismo. As antigas tradições cristãs da Europa e América apresentam às jovens Igrejas várias correntes de espiritualidade cristã, meios de abordar o desafio da "modernidade" e numerosos santos, homens e mulheres, que deram um testemunho corajoso de fé aos desafios de seu tempo.

2.4 Uma identidade a preservar

A identidade de uma Fundação deveria encontrar sua expressão num projecto missionário. Esta Fundação perderia a sua identidade e tornar-se-ia uma simples estrutura de formação, se todos os seus membros fossem trabalhar nos Distritos. Pede-se que cada Fundação ou jovem Província tenha pelo menos uma missão que lhe seja própria. Recomenda-se na medida do possível a preparação de formadores autóctones pois eles, mais do que ninguém, poderão inculturar a formação, incorporando-a aos valores profundos do seu povo.

" Migração " é um problema que algumas Fundações enfrentam; quer dizer: os estudantes passam continuamente de uma casa de formação a outra, pois estão situados em países diferentes. Assim, alguns não têm uma parte mínima da sua formação no seu próprio país. No encontro das Fundações africanas e Províncias, em Saverne (Junho 1986), foi sugerido que, na medida do possível, o Postulantado e o Primeiro Ciclo fossem feitos no país de origem, sugestão a aplicar-se com grande flexibilidade, dada a complexidade da situação e a falta de meios e de pessoal.

Têm sido feitas equipas, a nível de formação, para diminuir as despesas e mais facilmente poder dispor do pessoal, que é em número reduzido. A Província da Nigéria e a Fundação da África Ocidental colaboram na Teologia. O Zaire tem a filosofia e teologia em conjunto com a FAC. Angola tem suas estruturas próprias de formação mas alguns estudantes do 2º Ciclo fazem a teologia em Brazaville (FAC). A França e Estados Unidos/E colaboram com Haiti. A Suíça (antes a Inglaterra) compartilha a teologia com a Fundação do Oceano Índico. Talvez pudéssemos aumentar o intercâmbio, na formação, entre as Províncias da Europa e América, e as Fundações.

A quantidade é um outro aspecto da identidade: para tornar-se Província, a Fundação deveria ter suficientes membros autóctones para dar a sua identidade própria e assegurar uma participação adequada nas decisões a tomar.

2.5 Questões para reflexão

- Q.1 *Como podem as Fundações contribuir para esta imagem nova da missão?*
 Q.2 *Até que ponto conseguimos realizar o encontro Cultura-Fé nas Fundações ou outras Circunscrições (RVE 16.1)?*

3. Transição para Província

Uma Fundação é inicialmente colocada sob o cuidado de vários Superiores Principais agindo colegialmente. Algumas Fundações e grupos nascentes são confiados a um só Distrito ou Circunscrição.

Em nome da Congregação, o Conselho Geral agradece aos superiores de Distrito que, além de seus encargos habituais, assumiram o atendimento das Fundações. Agradecemos igualmente aos formadores que lhes deram base sólida e a todos os que de um modo ou de outro contribuíram para criação das Fundações.

Quando a Fundação alcança uma certa maturidade é nomeado um Superior Maior e é escolhido um Conselho, de acordo com a Regra Espiritana de Vida. Está preparada para receber o Estatuto de Província quando:

- tem pelo menos 15-30 membros professos de votos perpétuos.
- os formadores autóctones são em número suficiente.
- tem estruturas administrativas fundamentais e número suficiente de membros com experiência missionária para as fazer funcionar.
- após consulta aos membros autóctones, dois terços são a favor da passagem a uma ou mais Províncias.
- um projecto missionário foi elaborado em diálogo com o Conselho Geral que possa assegurar, quer a missão "ad extra", quer a vida no interior da Província.
- a nova Província pode enfrentar pelo menos 50% de suas despesas normais; presumem-se estruturas pre-existentes.
- haja bom relacionamento com os Superiores das Circunscrições vizinhas (em diálogo com o Conselho Geral) para salvaguardar, quer a identidade da nova Província, quer a unidade da Congregação.

Os Estatutos da nova Província podem ser estabelecidos antes da sua criação, ou no primeiro Capítulo da Província.

As "orientações" supra foram dadas pelos delegados em Arusha. São bastante flexíveis e permitem ao Conselho Geral dar decisões concretas em cada caso, após diálogo com os Superiores e os interessados.

4. Busca de unidade da vida apostólica espiritana

"A grande diversidade no modo de viver a vocação espiritana obrigará a clarificar uma definição dos laços essenciais que nos unem" (I/D 41, Abril 1986).

4.1 Os espiritanos estão unidos na "vida apostólica" (RVE 3), na comum opção pelos pobres, na disponibilidade às tarefas para as quais a Igreja dificilmente encontra obreiros (RVE 4), no Projecto comum da Congregação (RVE 55). As regiões são estruturas de unidade; por isso são encontros de vários níveis, especialmente aqueles que ligam o Norte com o Sul (por exemplo, o recente encontro de Mestres de Noviços: Dublin, Julho 1989).

A partilha no apostolado é um outro aspecto da unidade. Assim como os membros dos Distritos se dedicam ao desenvolvimento das Fundações, assim também alguns membros das Fundações cooperam no projecto missionário dos Distritos. Contudo em alguns lugares o projecto do(s) Distrito(s) e o da Fundação se sobrepõem. Em tais casos seria desejável que o trabalho se orientasse para um só projecto missionário.

Existe uma nova situação na qual os membros das Fundações se engajam em certos projectos (envolvendo o Distrito) em que uma Fundação se sente responsável sob a autoridade do Distrito. Tais projectos surgem normalmente do diálogo entre a Igreja local, o Superior do Distrito e o Superior da Fundação. Os membros das Fundações engajam-se nesses projectos que pertencem ao Distrito, todavia sua situação particular exige uma directriz clara dos Superiores, em diálogo com o Conselho Geral.

Há comunidades e Circunscrições multi-culturais na Congregação. Nas próprias Fundações estão presentes diversas culturas e nações, de modo que os seus membros vivem a interculturalidade desde o início. Trabalham lado a lado com os membros dos Distritos durante o estágio e na vida missionária. Os grupos apostólicos e os Distritos se tornam multiculturais.

Põe-se então a questão se os Distritos devem deixar de existir quando uma Fundação se torna Província ou qual será o modelo de relacionamento. Surgiram dois modelos. Num, há uma fusão de Circunscrições ao criar-se a Província (Angola, a próxima Província do Brasil). Os membros do Distrito optam pela nova Província, quer a Província de origem, quer a Província de afectação (RVE 159,2). Noutra, o Distrito não cessa de existir como jurisdição; conserva o seu projecto missionário e apoia as iniciativas da nova Província (Nigéria, Província da Africa Oriental). Estes modelos surgiram das discussões e diálogo das partes interessadas, com o Conselho Geral. Em cada modelo há diferenças concretas.

Favoreceríamos mais a comunhão se, desde o início da Fundação, levássemos todos os confrades do(s) Distrito(s) a engajarem-se. Não é uma tarefa apenas dos Superiores ou dos Formadores. A admissão e escolha dos candidatos, o trabalho apostólico, o estágio missionário, as férias, são outras tantas ocasiões para interessar os membros do(s) Distrito(s) no surgir de uma Fundação; além disso, criam laços fraternos entre eles e os membros da Fundação. Após a criação de uma nova Província, os Superiores se encontrarão frequentemente para planejar em conjunto a presença e o apostolado espiritanos.

Olhando para o futuro, muitos delegados de Arusha exprimiram o desejo de, sempre que possível, haver apenas uma Circunscrição espiritana por país. Na sua animação o Conselho Geral seguirá esta orientação, mas continuando, como dantes, a escutar todos os envolvidos. A Cooperação formal no apostolado é certamente uma exigência da missão e fortalece nossa unidade interna. Todavia, sem a conversão do coração, as estruturas não produzirão a unidade; daí, a necessidade de uma compreensão intercultural.

4.2 Questões para reflexão

- Q.3 *Como podemos promover concretamente os laços de unidade entre todos os espíritanos?*
 Q.4 *Como fazer evoluir as estruturas para estarem atentas às realidades descritas?*

5. Compreensão e comunicação interculturais

Os meios de comunicação, em especial a televisão, abrem-nos às culturas dos outros povos. As multinacionais cuidam diàriamente destas questões de cultura, preparam o seu pessoal para trabalhar em meios culturais estrangeiros, desenvolvem critérios culturais para a produção, vendas e relações entre os seu pessoal. Nunca houve como nos nossos dias um movimento tão grande das pessoas; muitas megalópolis tornaram-se microcosmos com superabundância de culturas.

Como missionários, encontramos-nos frequentemente em situações transculturais; devemos aprender a relacionar-nos e a trabalhar com povos diferentes de nós. Algumas de nossas comunidades são multi-culturais. A experiência com as Fundações sublinhou estes factores e ajudou a alertar a Congregação para os problemas e possibilidades inter-culturais, entendendo que estas dificuldades surgem em qualquer parte do mundo.

As culturas são diferentes, não só a nível de usos e costumes, mas também na maneira de vivenciar as aspirações humanas mais profundas. As pessoas e os grupos têm as suas histórias particulares de pecado e de graça, suas aspirações e desejos legítimos. Algumas de nossas Circunscrições têm membros que pertencem a diferentes grupos culturais e nacionais. Nalgumas, a maior parte de seus membros pertence a um só grupo cultural. Graças a uma atmosfera de diálogo e amor fraterno as diversas sensibilidades podem exprimir-se e viver num clima de comunhão. Cristo, "a nossa paz, que fez de dois povos um só" (Ef. 2,14). Estamos a serviço da missão da Igreja que, em Cristo, é o sinal da união íntima com Deus, e da unidade de todo o género humano (LG 1).

A verdadeira comunidade inter-cultural exigirá um contínuo re-exame de nossas atitudes de grupo. A compreensão e a comunicação inter-culturais tornar-se-ão cada vez mais indispensáveis na nossa vida e missão. Os Superiores, como os "homens do diálogo" (RVE 47,2), precisam adquirir tais aptidões; nossas comunidades precisarão de estruturas para favorecer o diálogo cultural. Familiarizar-se com a língua e cultura do outro é cada vez mais necessário (pelo menos com as principais línguas da Congregação). Os confrades e Circunscrições são convidados a investir cada vez mais nesta área. O Conselho Geral recomenda a formação de confrades em assuntos de cultura e relacionamento inter-cultural.

6. Necessidade de solidariedade

"Levai os fardos uns dos outros, e desse modo cumprireis a lei de Cristo" (Gal. 6,2).

A nossa Congregação descentralizada funcionou bem na medida em que as Províncias tiveram jovens na formação para assegurar a continuidade de suas "obras". Parece que algumas antigas Províncias já não se encontram neste parâmetro, outras pedem uma "re-

Fundação". As novas Fundações cresceram, em parte, graças à solidariedade de toda a Congregação. Estão cheias de vitalidade, com muitas vocações e projectos missionários em perspectiva. As necessidades de jovens e antigos exigem estruturas de solidariedade.

A solidariedade financeira tem aumentado na Congregação. Este ano a distribuição de "Cor Unum" atingiu 943.176 dollars; 60% dessa quantia destinou-se às Fundações e jovens Províncias. Todavia apenas cerca de metade de seus pedidos puderam ser satisfeitos.

"Membros duma mesma família missionária, somos solidários com os seus projectos e prioridades" (RVE 21).

As Fundações foram uma das grandes preocupações do último Capítulo Geral. Nenhuma delas tem ainda um Fundo de Investimento. A maioria não tem seguro de doença, de idade, e não podem cuidar de seus missionários. Quer dizer: dependem em grande parte da solidariedade da Congregação. Por outro lado, algumas Províncias têm amplas reservas. Esta situação pede uma distribuição mais equitativa. O Conselho Geral lançou um apelo às Circunscrições para que coloquem à disposição 5% de suas reservas para cobrir as despesas de Formação, em especial nas Fundações. A resposta das Circunscrições tem sido encorajadora.

Pedi-se a cada Fundação que elaborasse um plano de auto-suficiência financeira dentro de um período razoável. Os Delegados de Arusha pediram a elaboração de um plano financeiro que envolvesse toda a Congregação, e um plano que permitisse a inter-ligação entre as Circunscrições ricas e pobres.

O pessoal para a Formação é outro sector que pede solidariedade. Nos próximos três anos as Fundações precisarão: 10 Formadores para Pre-Noviciado, 18 para o Primeiro Ciclo, 16 para os Noviciados, 3 Formadores de Estagiários, 20 para a Teologia - 60 confrades ao todo.

Se a Congregação responder adequadamente a estas necessidades, deveríamos prever uma equipa de especialistas. Entretanto, pedimos aos confrades que aguardam a sua afectação que tenham em conta as Fundações.

E no mesmo espírito de solidariedade, os membros das Fundações estarão interessados na "re-Fundação" das antigas Províncias?

Os Delegados de Arusha pediram ao Conselho Geral que aferisse a balança da representação no próximo Capítulo Geral em favor das Fundações e jovens Províncias - isto por causa da tendência actual no plano das vocações. O Conselho Geral deverá descobrir um modo que leve em conta os novos dados, assegurando uma representação equitativa das antigas Províncias.

6.1 Questão para reflexão

Q.5 Como poderão as Fundações participar na missão do hemisfério norte e na renovação das antigas Províncias?

7. O critério da Missão

A nossa tarefa comum na evangelização relativiza um pouco a busca de identidade e unidade na vida apostólica espiritana. Uma vez que a missão é a nossa finalidade, escolhamos as estruturas (distribuição das várias Circunscrições, tipos de Comunidade: se multi-culturais ou não, diferentes modos de relacionamento) que favoreçam o progresso da missão da Igreja em que participamos, missão que para nós é um verdadeiro culto oferecido a Deus no Espírito (RVE 87, cf. Rom. 1,9).

Seja no hemisfério norte ou no sul, o missionário faça atenção para não estabelecer uma Igreja copiada de outro meio cultural, mas sim uma Igreja autóctone (DDC 419, RVE 16,2). Deve adaptar-se à vida e cultura do povo onde trabalha, identificar-se com suas metas e aspirações.

Nossos missionários que trabalharam na criação das Fundações sentem-se felizes em vê-las próximas de se tornarem Províncias. Para eles é uma recompensa justa do trabalho realizado. Sua presença e dedicação contínuas são um sinal de solidariedade de toda a Congregação. Com espírito apostólico estão prontos às adaptações sempre que necessárias. As novas Fundações tudo farão para assegurar a continuidade das Obras iniciadas pelos Distritos, que estiverem de acordo com as opções atuais dos Espiritanos, sem prejuízo de outras iniciativas que desejem tomar.

7.1 Questão para reflexão

Q.6 Em que medida nós, missionários, nos identificamos com o Povo e suas aspirações?

8. Conclusão: Unidos na Missão

A decisão de realizar o Conselho Geral Alargado em Arusha foi um gesto simbólico. Foi um apelo a alargar nossos horizontes e a mudar nossas mentalidades. As Igrejas do hemisfério sul estão criando expressões novas e diferentes, dentro da nossa fé comum. Na família Espiritana, as Fundações e jovens Províncias procuram incarnar estas diversas expressões na unidade da nossa vida apostólica Espiritana. Encorajamo-las e lhes damos nosso aval de respeito e reconhecimento recíprocos, de solidariedade e partilha. O desafio agora é trabalhar lado a lado, como irmãos, no cumprimento da única missão que nos foi confiada.

ABREVIACÕES

AG - Ad Gentes, Vat. II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja.

DDC - Decisões e Diretivas do Capítulo 1968.

LG - Lumen Gentium, Vat. II, Constituição Dogmática da Igreja.

VE - Vida Espiritana - Capítulo Geral 1980.

RVE - Regra de Vida Espiritana - Constituições 1986.

Este trabalho foi preparado pelo Padre J.C. Okoye, Conselheiro Geral responsável pelas Fundações; discutido, corrigido, e aprovado pelo Conselho Geral. (Tradução do P. Manuel Martins.)